

UM REINADO UNIVERSAL ANTIIMPERIALISTA (SL 47)

Júlio Paulo Tavares Zabatiero

1. Introdução

Uma das palavras-chave de nosso tempo é *globalização*. Não que só em nossa época a globalização seja uma realidade. Podemos analisar os impérios existentes na história humana como expressões de projetos de globalização, seja de uma cultura, de uma religião, de uma forma de economia, de uma etnia. O povo de Deus foi forjado na história de lutas pró e contra projetos de globalização, por exemplo: o nascimento histórico de Israel, no êxodo, sob a “globalização” egípcia; a perda da soberania nacional e da terra, por Israel e Judá, durante a “globalização” assírio-babilônica; a luta por liberdade religiosa e por uma identidade autêntica, durante as “globalizações” persa e helênica; o nascimento da fé cristã sob a “globalização” romana.

O Salmo 47, como os demais “Salmos do Reinado de Javé”, são expressões da luta do povo de Deus contra a globalização imperialista. Estes salmos retratam a resistência do povo de Deus contra um projeto babilônico de globalização política, econômica, étnica, cultural e religiosa. As raízes desse projeto globalizante estão em um passado bastante remoto, desde os tempos acádicos, e formam a identidade político-cultural das grandes nações que dominaram a Mesopotâmia nos três milênios anteriores à era cristã. Israel e Judá experimentaram a globalização mesopotâmica, primeiro na forma assíria (séc. VIII-VI aC) e, enfim, sob a forma babilônica (séc. VI aC). O fim da dominação babilônica demonstrou apenas uma alteração da potência globalizante, que passou a ser a Pérsia (séc. VI-IV aC).

2. Aspectos do projeto globalizante babilônico

Vários textos da Bíblia Hebraica nos revelam as principais faces do projeto globalizante da Babilônia. Por exemplo: os relatos de 2Reis 20 e 24–25 descrevem, do ponto de vista do povo judeu, os esforços fracassados e a “bem”-sucedida conquista de Judá pelo Império Babilônico. Do ponto de vista *político*, esse projeto visava a eliminação das soberanias nacionais e étnicas existentes no Oriente Próximo, e a subjugação dos povos conquistados ao império do rei da Babilônia. Do ponto de vista *econômico*, visava a extração de *tributos*, bem como a obtenção de mão-de-obra escrava e de matéria-prima para o comércio internacional. Do ponto de vista *religioso*, afir-

mava a supremacia dos deuses babilônicos sobre os deuses dos povos conquistados, e subjugava, assim, a fé dos povos conquistados à dos babilônios. Do ponto de vista *étnico*, através da matança de boa parte da população e da deportação e a escravização das elites dos povos conquistados, praticava-se o quase extermínio de identidades culturais não-babilônicas.

Vários trechos e seções dos livros proféticos retratam as lutas de Israel e Judá contra o domínio babilônico. O mais famoso desses textos se encontra em Isaías 40–55, seção conhecida pelos estudiosos da Bíblia como o Dêutero (Segundo)-Isaías, que apresenta vozes proféticas dentre os judeus exilados na Babilônia, já no período final da dominação babilônica, às portas da conquista do Império pelos persas. Em Is 40–55 encontramos uma forte resistência à dimensão religiosa da globalização babilônica. Contra as pretensões de supremacia dos deuses babilônicos, o Dêutero-Isaías anuncia Javé como o único Deus criador e sustentador do mundo, realmente vivo, não produzido por seus adoradores, e conhecedor de toda a história, da qual é o Soberano rei. Contra os arautos da dominação babilônica, o Dêutero-Isaías anuncia a boa-nova (Evangelho) do Reinado de Javé (Is 40,1-11; 52,7ss), que virá, mais uma vez, para libertar o seu povo da dominação imperial, como fizera no êxodo egípcio.

Destaca-se, no projeto globalizante babilônico, a festa de Ano Novo, na qual era celebrada a supremacia de Marduque, o principal deus babilônico, sobre todos os seus inimigos e sobre toda a terra. Nessa festa, realizava-se uma procissão em homenagem a Marduque, celebrando-se o seu poder e domínio, que garantiriam a fertilidade das terras, a felicidade das pessoas, e a estabilidade do mundo (que não seria destruído por um dilúvio). O rei da Babilônia era aclamado como o legítimo representante de Marduque sobre a terra, e a obediência a esse rei conquistador e seu projeto globalizante era apresentada como expressão da adoração ao grande deus universal. Nos Salmos do Reinado de Javé, todos estes temas da festa do Ano Novo são retomados e re-formulados em termos antiimperialistas.

3. Aspectos literários do Salmo 47

O Salmo 47 possui uma estrutura clara: compõe-se de duas partes praticamente do mesmo tamanho, cada uma delas também com duas partes (convite e motivação para a adoração). A primeira parte ocupa os versos 2-6 e a segunda, os versos 7-10 (na numeração da Bíblia de Jerusalém). Essas duas partes estão em paralelismo sinônimo, ou seja, a segunda parte *repete e amplia* o sentido da primeira parte. Vejamos o texto e sua estrutura, adaptando a tradução de L. Alonso Schökel:

Parte I

V. 2 (Convite à adoração)

Povos todos batei palmas,

***aclamai a Deus com
gritos de júbilo.***

v. 3-6 (Motivação para a adoração)

*Porque o Senhor é altíssimo e terrível,
grande rei de toda a terra.*

*Ele nos submete os povos,
nos subjuga nações.*

*Escolhe-nos nossa herança,
o orgulho de Jacó, seu amado.*

*Subiu Deus entre as ovações,
o Senhor, ao clangor da trombeta.*

Parte II

V. 7 (Convite à adoração)

Cantai para Deus, cantai,

***tocai para nosso rei,
tocai.***

v. 8-10 (Motivação para a adoração)

*Porque Deus é rei de toda a terra:
(tocai com maestria).*

*Deus reina sobre as nações,
Deus se assenta em seu trono santo.*

*Príncipes dos povos se reúnem
com o povo do Deus de Abraão
porque de Deus são os escudos da terra.*

Subiu ao lugar mais elevado.

Note a profusão de termos festivos, celebrativos, que apontam para uma festa de entronização de Javé (“Deus se assenta em seu trono santo”), com procissão dos seus auxiliares, e a linguagem que exalta o poder e a soberania universais exclusivas de Javé. Não só se traça aqui um paralelo com a festa do Ano Novo na Babilônia, a fim de destruir Marduque, como também temos paralelos com relatos bíblicos de entronização de reis de Judá (por exemplo: 1Rs 1,41-48; 2Rs 11,1ss). Em contraste com a teologia babilônica, aqui o povo de Deus, subjugado pelo Império, celebra a realeza universal de Javé: “todos os povos” são convidados para a festa de adoração a Javé, que é descrito, mais de uma vez, como “rei”, “grande rei” sobre a “terra”, “toda a terra”. O povo de Deus afirma a sua eleição por Javé, e retrata em termos relativamente ambíguos o seu papel em relação às demais nações: ora as domina (“Ele nos submete povos, nos subjuga nações”), ora as acolhe em aliança (“Príncipes dos povos se reúnem com o povo do Deus de Abraão”). De qualquer forma, a ênfase recai sobre a afirmação de que somente Javé é o Rei de todas as nações, e somente o povo dos descendentes de Abraão é quem O representa sobre a face da terra, os imperadores terrenos são usurpadores da eleição divina.

O tema do novo êxodo está também presente, de forma peculiar, neste salmo. Em Êxodo 3,6ss, Javé é descrito como o Deus que *desce* para fazer o seu povo *subir* para uma terra boa. No Salmo 47, Javé é retratado como aquele que *subiu* para exercer a sua soberania sobre toda a terra e todas as nações. Em Êxodo é descrita a saída do povo de Deus de debaixo da dominação egípcia; o Salmo 47, poeticamente, celebra a saída de Javé de debaixo da dominação babilônica. Com a subida de Javé, ficam abertas as portas da história para todas as nações subirem com Ele, escapando da dominação imperialista. Percebe-se aqui a habilidade literária e teológica dos autores do salmo, que fazem intervir a memória da primeira libertação de Israel a favor da nova libertação que o povo precisa experimentar.

Podemos especular sobre a razão de este salmo não estar junto com os demais Salmos do Reinado de Javé (93–96; 99). A razão mais provável talvez seja a vinculação temática do Salmo 47 com os Salmos 46 e 48. O Salmo 47 retoma o tema do final do Salmo 46 (v. 9-11) e o Salmo 48 reafirma a grandeza e universalidade de Javé (v. 2 e 11). A diferença principal é a ausência de Sião/Jerusalém no Salmo 47.

4. Javé: um Soberano universal não-imperialista

Quatro grandes temas são desenvolvidos no Salmo 47. O primeiro deles é o da *adoração* a Javé, o rei de toda a terra. No verso 2, dois verbos no imperativo indicam formas de celebração a Deus: a primeira é o bater palmas que, já naquela época, significava o reconhecimento do valor da pessoa aplaudida; a segunda é a aclamação com gritos de júbilo, o que expressa a submissão ao rei, mas não uma submissão forçada, antes, uma submissão alegre, cheia de júbilo e contentamento. No verso 7, um único verbo hebraico é repetido 4 vezes. Esse verbo expressa tanto o tocar instrumentos quanto o cantar. Essa duplicidade de sentido do verbo é indicada na tradução acima, que convida, imperativamente, a todos os povos para cantar e tocar a Deus, o grande rei. No verso 8 esse verbo é repetido mais uma vez, acompanhado da expressão “com maestria”, indicando o cuidado e capricho com que a celebração litúrgica deve ser realizada. Adorar a Deus é expressão alegre, efusiva, dançante, do reconhecimento de sua soberania sobre todas as nações e sobre toda a terra. As razões para esse alegre reconhecimento e submissão a Javé são dadas no salmo, desenvolvidas em três grandes temas, que estudaremos a seguir.

A *majestade* de Javé é a primeira razão para a adoração. Majestade, soberania, realeza, poder, governo. Estes são atributos, qualidades de Javé e somente dele. Nenhum outro deus as possui, nenhum ser humano pode substituir Javé e governar em seu nome. Na celebração da majestade de Javé, vários são os adjetivos atribuídos ao Deus de Israel. Javé é Altíssimo e terrível (v. 3a). Altíssimo é o título dado por Melquisedec ao seu deus, o deus de Jerusalém, muito tempo antes de a cidade ser a capital do reino de Davi (Gn 14,18-22). A idéia da exaltação, da sublimidade expressa pelo adjetivo Altíssimo, é repetida no verso 10, que afirma que Javé subiu ao lugar mais alto, mais exaltado. Ocupar o lugar superior, o mais alto de todos, é uma forma de dizer que Javé é o maior de todos os deuses, que tudo o que existe está *debaixo* de seu domínio e bondade. No v. 9 esta idéia é repetida com a afirmação que Javé reina sobre, acima das nações e o seu trono está num lugar santo e elevado. O Altíssimo é terrível, ele inspira reverência, causa forte impressão, chega mesmo a provocar terror em seus inimigos. Para os que O seguem, entretanto, Javé não inspira medo, mas reverência, alegre submissão e confiança plena.

Javé é o “grande rei” de toda a terra (3b.8). A soberania de Javé não tem limites, fronteiras nacionais. Ele é o “imperador” de todas as nações e de toda a terra. A majestade soberana de Javé oferece uma alternativa aos projetos de globalização imperialistas. Diferente dos deuses dos povos conquistadores, Javé é o Deus da justiça e solidariedade, o Deus que ouve o clamor dos povos e das pessoas que sofrem. Seu reinado universal ja-

mais será marcado pela destruição e morte, mas, sempre, pela vida e solidariedade. Um verdadeiro projeto de globalização inclusiva, que abre espaço para que todas as pessoas e toda a criação tenham vida e vida abundante, como ensinou Jesus mais tarde.

Javé é o único digno de ser chamado “grande rei”, “imperador”. Porque o seu reino global não é excludente. Esta é a segunda razão para a alegre adoração a Ele. O rei Javé inclui em sua família todas as nações. No verso 10 essa inclusão é expressa de forma imponente, embora o texto hebraico ofereça algumas dificuldades para a interpretação. Porque Javé é o grande rei exaltado, os “príncipes dos povos” podem se “aliar” ao povo do Deus de Abraão. Se apenas Javé é rei, os líderes dos povos todos não podem ser chamados de reis, são apenas príncipes. A Ele, Javé, pertencem os escudos da terra, uma referência ao poderio militar e riqueza dos reis terrenos (cf. 1Rs 10,17; 14,26-27). Esta afirmação nega o militarismo que os projetos imperialistas de globalização defendem. Um reinado universal, do ponto de vista ético, só pode ser um reinado de paz, não um reino de conquista e destruição. Destaca-se, aqui, também, o nome de Deus. Ele é chamado de *Deus de Abraão* (compare com o v. 5 em que Israel é denominado Jacó, uma referência ao período pré-estatal). O reinado de Javé não obedece às fronteiras nacionais, estatais. Ele é o Deus dos pequenos (“Jacó é pequeno”, um refrão do livro de Amós 7,2.5), o deus que caminha com as famílias de sem-terra como Abraão. O deus que abençoa todas as famílias da terra (Gn 12,1-4), não é um deus “nacional”, um deus ligado a um rei, a um projeto estatal.

Este tema nos leva à terceira razão para a adoração a Javé. Ele é soberano sobre toda a terra, seu reinado é inclusivo e abençoador, e, finalmente, ele é o deus do *seu povo*. A universalidade do reinado de Javé não nega a particularidade dos seus relacionamentos com os *povos*, com as famílias da terra. Javé é o rei de toda a terra e, simultaneamente, o Deus do “povo do Deus de Abraão”, o Deus que elege um povo: “Escolhe-nos nossa herança, o orgulho de Jacó, seu amado” (v. 5). Vários termos neste verso apontam para o domínio libertador de Deus. A eleição é baseada no amor e, segundo Dt 7,7-8, “se Javé se afeiçoou a vós e vos escolheu, não é por serdes o mais numeroso de todos os povos – pelo contrário: sois o menor dentre os povos! – e sim por amor a vós e para manter a promessa que ele jurou aos vossos pais; por isso Javé vos fez sair com mão forte e te resgatou da casa de escravidão, da mão do Faraó, rei do Egito.” A eleição de um povo não gera privilégios, mas cria a história da liberdade, a história dos êxodos e das alianças. Faz de um povo, o “meu povo”, o povo de Deus, e Israel não é o único “meu povo”. Em Amós 9,7-8 a linguagem do êxodo é ampliada para além de Israel: “Não sois para mim como os cuchitas, ó filhos de Israel? – oráculo de Javé. Não fiz Israel subir da terra do Egito, os filisteus de Cáftor e os arameus de Quir?” Também em Isaías 19,16-25 há uma palavra profética com o mesmo tom particular e includente: “Naquele dia, Israel será o terceiro, ao lado do Egito e da Assíria, uma bênção no seio da terra, bênção que pronunciará Javé dos Exércitos: Bendito meu povo, o Egito e a Assíria, obra das minhas mãos, e Israel, minha herança” (Is 19,24-25).

Repare no termo *herança*, aplicado a Israel em Is 19,25 e no Sl 47,5. A herança é a terra que Deus deu às famílias que foram libertadas do domínio imperialista. Especialmente no livro do Deuteronômio a idéia da terra como herança é destacada. A heran-

ça é o cumprimento da promessa aos pais e mães de Israel – a promessa da terra boa, a promessa da vida justa e feliz (Ex 3,6ss). A esta idéia da herança estão vinculados os verbos do verso 4: “Ele nos submete povos, nos subjuga nações”. Em um contexto imperialista, o Sl 47,4 seria interpretado como a criação de um império cujo centro seria Israel. No contexto da soberania universal e incluyente de Javé, o verso 4 deve ser lido como uma alternativa à conquista e subjogação imperial de povos. A história humana é uma história de conflitos, por isso o projeto alternativo de Javé também tem marcas da ambigüidade histórica. Assim como o povo liberto do Egito teve de lutar contra as cidades cananéias opressoras, também o povo de Javé, no novo êxodo, terá de enfrentar nações imperialistas e opressoras. Dessa forma, o reinado de Javé será universal, mas passará pelo povo eleito, pela descendência de Jacó, a fim de que todos os povos, todas as famílias da terra recebam a bênção da vida digna e plena.

Estas três razões para a adoração a Javé poderiam ser interpretadas de forma excludente, imperialista. Entretanto, a leitura adequada deste salmo deve ser antiimperialista. Javé *retira*, ao subir para seu trono santo, o império das nações e, mesmo quando subjuga povos, o faz para mostrar o seu domínio abençoador e para tornar todos os povos em um só, o “meu povo”, mantendo a diversidade étnica e cultural desses povos. Javé cria uma nova humanidade, uma humanidade abraâmica, abençoadora. Somente Javé pode ser o soberano de toda a terra, somente ele pode ser o imperador de todos os povos; qualquer outro soberano seria imperialista. Javé é o Deus da vida e vida para toda a sua criação. Os autores do Novo Testamento perceberam essa universalidade e interpretaram a ação de Jesus Cristo na mesma direção. Especialmente em Efésios 2,11-22 encontramos a esperança em uma única e nova humanidade, uma humanidade abençoadora, marcada pela paz e pela vida plena.

5. Conclusão

Mais uma vez, na história humana, projetos de globalização entram em choque nos nossos dias. O projeto dominante é excludente, opressor, centrado no lucro, no consumismo, na supremacia de um povo e cultura sobre os demais. Cabe ao povo de Javé apostar no projeto alternativo do reinado abençoador e, a partir dessa aposta de fé, arregaçar as mangas e trabalhar para que a globalização atual não seja excludente, mas abençoadora. A vitória do projeto imperialista não é inevitável. A história nos ensina que todos os projetos imperialistas anteriores chegaram ao fim, foram destruídos. O projeto atual também terá seu fim, cabe a nós antecipar esse fim, mediante a adoração a Javé na *celebração* da vida e na *defesa* da vida e liberdade de todas as etnias, culturas, raças e povos.

Julio Paulo Tavares Zabatiero
Faculdade Teológica Sul-Americana – Londrina
jzabatiero@uol.com.br